

A MONOGRAFIA DE CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO

ALEXANDRE DO ESPÍRITO SANTO^a

RESUMO

Um dos critérios exigidos para se completar um curso de especialização no Brasil é a produção de uma monografia. Tal produção implica que o aluno saiba aplicar o conhecimento acumulado e as habilidades adquiridas durante o curso. Todavia, muitos problemas surgem, quando os alunos possuem graduações diferenciadas e/ou não tiveram um adequado treinamento nas técnicas de pesquisa. Para esses alunos hétéros, o conteúdo do curso de especialização realmente não cumula. Para outros, cujo curso de graduação está conectado com o tópico da especialização (alunos **homos**) a falta de habilidades de pesquisa bloqueia a produção de uma monografia aceitável. A curta duração de um curso de especialização (360 horas) dispersa entre dez ou mais disciplinas, dificilmente pode prover qualquer cumulatividade conducente a um trabalho sério de pesquisa. Aqui, esses problemas são discutidos e são apresentadas alternativas para a monografia de curso de especialização.

PALAVRAS-CHAVE: Monografias, Trabalho do especialista, Habilidades de pesquisa, Aluno hetero e Aluno homo.

A monografia exigida como coroamento dos cursos de especialização é uma das mais críticas facetas do nosso incipiente, mas expansivo programa global de pós-graduação.

Dada a variedade de concepções sobre o que seja uma monografia de curso, uma vez que ela tem unicidades sem parâmetros na literatura científica, é possível que o conteúdo deste documento não se aplique inteiramente a todas as situações.

Um objetivo deste trabalho é lançar algumas fundamentações e problemas relativos à monografia como o produto mais tangível dos cursos de especialização. Outro objetivo é apresentar uma alternativa para as situações individuais, em que a monografia não é o melhor coroamento do curso.

Contando com a paciência de todos que se interessam pelo assunto, pretendo apresentar as fundamentações, os problemas e a alternativa, sob os seguintes tópicos:

- a) cumulatividade;
- b) habilidades mínimas;
- c) estudo independente.

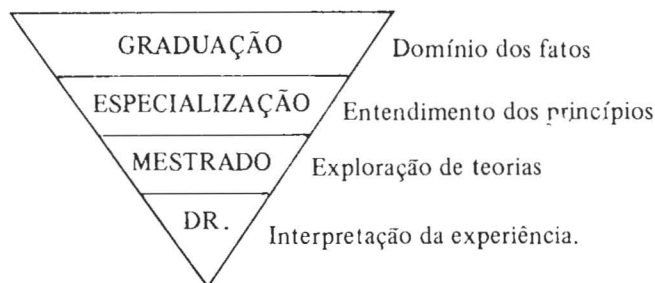


Fig. 1 - Possível progressão em cursos acadêmicos.

1. CUMULATIVIDADE

A “especialização” anterior ao mestrado (uma experiência genuinamente brasileira) só pode ser entendida como um esforço institucional de agilizar o amadurecimento de neófitos, viabilizar a institucionalização do “inbreeding” universitário e, desejavelmente, afunilar a carga informacional do generalista recém-graduado. Se nos ativermos apenas a essas três finalidades inerentes ao espírito das normas que geraram os cursos de pós-graduação *latu-sensu*, vemos que elas pressupõem cumulatividade, como descreve a figura acima:

A Figura 1 explicita o pressuposto da cumulatividade. *Ceteris paribus*, ela está implícita em qualquer disciplina ou tópico de pós-graduação. No primeiro estágio, o aluno é introduzido aos fatos e dá início ao domínio de um corpo de conhecimentos. No segundo estágio, espera-se que o aluno comece a entender os princípios e teorias que dão apoio aos fatos ou ao corpo de conhecimentos pertinentes à área em que se graduou. No terceiro, o aluno deve adestrar-se para a exploração das teorias mais importantes de sua área ou tópico de estudo, através da pesquisa e da prática. E, no quarto estágio, o aluno deve ser capaz de interpretar as suas e as experiências de outros à luz das teorias, e contribuir para a

^a Departamento de Educação – UEL.

expansão delas.

É óbvio que essa progressão se faz inviável, quando o público de um curso de especialização seja heterogêneo em suas graduações. Além disso, ser especialista em alguma disciplina, é ter algo mais que uma atitude meramente instrumental nas aplicações da disciplina, isto é, o especialista deve "saber que", não apenas "saber como".

O problema da heterogeneidade se torna ainda mais crucial, quando se exige do "especialista" que ele produza um trabalho monográfico no tópico do seu curso de especialização.

Na maioria dos cursos de especialização, vamos encontrar os homogêneos (homos) e os heterogêneos (héteros). Para os primeiros, os conteúdos das disciplinas do curso tendem a cumular com os conhecimentos adquiridos anteriormente na graduação; para eles o curso é de especialização. Para os héteros, não há cumulatividade suficiente, por brilhantes que sejam; para eles o curso não é de especialização; esperadamente aprendem de cada disciplina novos conceitos e novas práticas, que podem ou não utilizar em suas atividades.

Considerando que o tempo (cerca de 400 horas) destinado à assimilação de princípios, teorias e práticas novas (objetivos desejáveis de especialização) pode ser disperso em (a) provas e horários pouco estritos, (b) insuficiente interdisciplinaridade nas disciplinas dos currículos, e (c) inusitados desvios dos pressupostos da especialização, a cumulatividade pode ser inadequada para os "homos" e definitivamente insuficiente para os "héteros".

Em tal situação, a exigência da monografia pode ser um exercício estéril para os "homos" e um sacrifício inútil para os "héteros". Em ambos os casos a monografia pode ser menos que um exercício de produção intelectual útil para o candidato e apenas o preenchimento de um requisito do curso de especialização.

2. HABILIDADES MÍNIMAS

Em nosso atual estágio de carência bibliográfica institucional e devido ao predominante monolinguismo entre os cursantes de especialização, as revisões bibliográficas sobre um tópico se fazem praticamente impossível. Geralmente, elas consistem de citações de trechos ou modificações de conceitos encontrados em textos desatualizados e na maioria das vezes traduzidos. Raramente há registros de artigos de periódicos correntes sobre o tópico monográfico. Os poucos encontrados nas monografias são frequentemente citados pelos próprios textos. Destarte, os novéis especialistas podem estar citando o que não usam e usando o que não citam.

Dentro desse quadro de paucidade bibliográfica não se pode pensar em fazer uma monografia orientada para a revisão de literatura sobre um tópico escolhido; aluno e orientador têm que apelar para estudos fundados em levantamentos e/ou observações. E aqui tem início o principal problema da monografia: homos e héteros raramente possuem suficientes habilidades para fazer pesquisa.

As seguintes são habilidades que a maioria dos pesquisadores valoriza. Embora não suficientes, podem ser consideradas necessárias para a execução de qualquer aceitável trabalho de pesquisa:

1. Identificação da população a qual se deseja generalizar os resultados, e seleção de u'a amostra dessa população.

Dado um tópico favorável, os homos podem até possuir algum conhecimento da população. Entretanto, de acordo com a unicidade do tópico, a população pode tornar-se muito estrita, e nesse caso, até mesmo pesquisadores experientes teriam dificuldade em identificá-la. Desnecessário se faz dizer que para a maioria dos héteros, a população em estudo é quase sempre um mistério.

A validade de muitas pesquisas em Ciências Sociais se assenta na qualidade da escolha da amostra. O simples conhecimento das técnicas empregadas nos seis tipos mais comuns (1) de amostragem não é suficiente. Experiência com a população e com o tópico em estudo, assim como versatilidade estatística são fundamentais.

2. Identificação das classes de variáveis para a mensuração.

Descartadas explicações complexas, um cientista se distingue do não-cientista pelo conhecimento e familiarização que possui das variáveis relevantes à disciplina em que é cientista.

A satisfação deste critério é crucial a quem quer que se proponha a estudar um problema. Não se pode esperar que a insuficiente verticalidade dos cursos de especialização propicie aos seus alunos conhecimento ao menos generalizado das principais variáveis. Para tanto, seriam necessários (a) maior número de horas-contato; (b) alta qualidade de ensino; e (c) abundante leitura da literatura fundamental e pelo menos algum acompanhamento da literatura corrente.

Esperemos que os melhores homos possam, com muito esforço e dedicação, adquirir algum domínio desta habilidade, pelo menos suficiente para se fazer um estudo exploratório. Entretanto, o que podemos esperar dos héteros? Como poderão eles em algumas horas (minutos?) de biblioteca e de sala-de-aula conhecer e entender as variáveis relevantes à sua pesquisa?

3. Seleção ou desenvolvimento de técnicas de mensuração e validação dessas técnicas.

É comum associar-se conhecimento de metodologia de pesquisa com conhecimento de técnicas de mensuração. Embora este truísmo seja muito discutível, não se lhe pode negar alguma racionalidade, tal a importância desse tipo de conhecimento. Se não se pode medir, não se pode definir; e se não se pode definir, não se pode nem mesmo estudar. A disciplina "Iniciação à Ciência e à Pesquisa" comum à maioria dos cursos de especialização não possui suficiente carga-horária (45 horas) sequer para as fundamentações e conceitos mais importantes sobre metodologia científica.

Além disso, conhecimentos de técnicas de mensuração deveriam ser oriundos das disciplinas estudadas na graduação. A nível de pós-graduação elas deveriam no máximo serem discutidas e, seus usos, se houvesse bastante tempo, identificados na literatura.

4. Entendimento dos tipos e pressupostos de técnicas estatísticas.

Ligada à habilidade anterior (conhecimento de téc-

nicas de mensuração) esta é quase um sine-qua-non para se fazer pesquisa em praticamente qualquer área. Infelizmente, o aluno típico de pós-graduação é muito deficiente em estatística.

Homos e héteros dos cursos de especialização, literalmente não possuem esta habilidade. Frequentemente, não possuem nem mesmo os rudimentos da estatística descritiva. Talvez por inadequação à pesquisa do currículo da disciplina de Estatística, oferecida em alguns cursos de especialização, raramente se encontra um monografista que saiba o que fazer com os seus dados.

5. Utilização apropriada dos métodos de coleta de dados (testes, questionários, entrevistas...).

O emprego de método inadequado pode levar a sub-estima ou super-estima dos reais valores, torcendo a realidade. A escolha de um método adequado para um dado tópico requer familiaridade com muitos métodos.

O exíguo tempo devotado à especialização nos cursos correntes não permite exploração de vários métodos pertinentes às disciplinas. Os homos podem trazer algum conhecimento sobre um ou mais métodos, mas como exigir que os héteros os assimilem rapidamente?

6. Captação de implicações de resultados de pesquisas anteriores à pesquisa que se está fazendo.

Nenhuma pesquisa subsiste no vácuo. O seu caráter público, a sua objetividade, e a sua natureza relacional exigem que ela se assente em pesquisas anteriores, envolvendo os seus resultados.

O acesso a uma coleção bibliográfica adequada ao tópico e o uso de métodos apropriados de revisão facilitam a captação de implicações de outras pesquisas. Todavia, não é suficiente. É necessário também que o monografista já possua alguma carga informacional sobre o tópico.

Como vimos anteriormente, os nossos monografistas (a) não têm acesso a uma coleção bibliográfica adequada em praticamente nenhum tópico. (b) são em sua maioria monolíngües, o que lhes restringe ainda mais o uso da coleção disponível; e (c) dispõem de pouco tempo para uma exploração bibliográfica exaustiva.

Em face dessas situações restritivas, virtualmente não há envolvimento de resultados de pesquisas anteriores nas monografias. O uso de literatura relevante é limitada aos limites do monografista e da Biblioteca (que muitas vezes recebe mais culpa do que tem). Algum envolvimento casual chega a ser mera serendipidade⁽²⁾ (achado feliz).

7. Interpretação e relato das observações.

Para muitos iniciados em pesquisa esta é a habilidade que mais requer amadurecimento do pesquisador. Interpretação e redação são formidáveis obstáculos em cada esforço científico, mesmo para os mais experientes produtores acadêmicos.

A monografia de curso de especialização é para a maioria o primeiro esforço sistemático de produção intelectual. Apesar da ajuda dos seus orientadores, como podem os neófitos da especialização,

sem adequado domínio de outras seis habilidades essenciais, adquirir esta em tão pouco tempo e tão escasso preparo? Sabemos todos que, a um grande número deles, falta o necessário domínio do próprio vernáculo, o mais comezinho componente desta habilidade.

Eis aí algumas preocupações sobre a exigência do trabalho monográfico. Procurei não dar-lhes mais ênfase do que precisam. São realidades vividas por muitos orientadores que têm pensado sobre o problema com a seriedade que ele requer.

De pouco vale eufemizar os rigores de qualquer produção acadêmica, tentando adequá-la às contingências locais. Mesmo se considerarmos a monografia apenas um exercício de pesquisa, ela não deve ser aceita aprioristicamente como um exercício não-sério, que a Universidade não possa expor e que aluno e orientador não se orgulhem de haver produzido.

3. UMA ALTERNATIVA

Entende-se por uma alternativa eficiente e eficaz para a solução de um problema, aquela que (a) dê abertura a outras alternativas (no sentido de não ser fechada); (b) seja viável e operacional à luz das contingências situacionais; e (c) atinja os principais objetivos.

A monografia não deve ser eliminada dos cursos de especialização. A luz do exposto neste documento, ela deve ser considerada uma das alternativas para a conclusão de curso. Para aqueles que o curso de fato produziu cumulatividade e que escolheram um tópico monográfico oriundo de suas próprias experiências, a monografia continua sendo a melhor opção. Frequentemente, isso acontecerá com os homos que escolheram o curso de especialização como um meio de se aprofundarem em suas áreas de interesse.

Héteros e homos sem qualquer experiência prévia específica e pertinente ao curso de especialização; sem habilidades e aptidões (interesse inclusive) para a pesquisa, não devem ser forçados a produzir uma monografia. A eles seria oferecida a opção de ESTUDO E TREINAMENTO INDEPENDENTES. Identificado o orientador, o aluno delinearía com ele um programa de atividades pertinentes a um tópico escolhido. Tais atividades poderiam envolver (a) exploração da literatura relevante disponível e discussão dela com o orientador; (b) pequenos ensaios sobre pontos controversos; e (c) observações e relatos da realidade ambiental. Findo o processo (seis meses), o orientador lhe atribuiría um escore (nota) representativo da avaliação de desempenho.

Naturalmente, as atividades de "Estudo e Treinamento Independentes" podem variar segundo um acordo e compromisso entre aluno e orientador. O importante é que alguns objetivos básicos sejam atingidos, dentro do melhor estilo de mensuração por critério e de ensino individualizado.

Algumas possíveis atividades que podem ser desenvolvidas para se atingir os objetivos necessários ao coroamento de um curso de especialização incluem:

- a) estudo e discussão de conceitos e fundamentações revelados em trabalhos convergentes e divergentes sobre o tópico escolhido pelo concluinte;
- b) demonstração oral ou escrita de idéias próprias a partir de análise da literatura relevante ao tópico

- escolhido;
- c) delimitação topical ou fraseológica para um estudo de um problema ou da realidade contingencial, focando um ou mais aspectos do tópico escolhido;
 - d) observação e análise de uma pequena amostra do objetivo de estudo ou da realidade em questão;
 - e) algum tipo de exercício redacional (ensaio) demonstrando entendimento do tópico à luz das experiências próprias e de outros.

Uma ou mais dessas atividades poderão ser acordadas entre orientando e orientador, uma vez determinado o tópico de interesse. Obviamente, a culminância do estudo independente será da competência do orientador. Ele determinará quando o orientando atingiu ou não importantes objetivos estabelecidos, e em que grau.

CONCLUSÃO

Espera-se que os fundamentos, problemas e proposta apresentados sejam pontos de partida para uma discussão mais ampla sobre o assunto. Certamente o especializando necessita de claras definições sobre o que e como deve ser o produto do seu curso. Que este seja o mais coerente possí-

vel com as suas próprias habilidades.

Parece-nos importante que vejamos o curso de especialização como um processo ou um treinamento, cujo resultado (monografia ou um outro produto) espelhe de alguma forma aceitável a competência do especializando.

Sem dúvida, seja monografia ou estudo independente, o produto de um curso de pós-graduação deve ser uma demonstração de várias habilidades que o podem tornar maior que a soma de suas partes. É responsabilidade de todos os docentes de pós-graduação fazer possível esse fenômeno não-Euclidiano.

NOTAS

1. Seis tipos comuns de amostragem aleatória: (a) simples; (b) sistemática; (c) estratificada; (d) multi-estágio; (e) agrupada; e (f) seqüencial.
2. O vocábulo é uma tradução livre de "serendipity", cunhado por Horace Walpole, na metade do século 18, referindo-se a três personagens de uma estória de fadas, escrita há mais de 200 anos. Dizia a estória que três príncipes de Serendip, "enquanto viajavam, por acaso ou por sagacidade, iam continuamente descobrindo algumas coisas valiosas ou agradáveis, que eles não estavam buscando... e que atiladamente reconheciam o valor do que haviam descoberto".

ABSTRACT

One of the required criteria for the successful completion of a specialization course in Brazil is the production of a monograph. It implies that the student can apply the cumulated knowledge and abilities acquired in the course work. However, many problems arise when the students have diverse background (graduation) and/or have not had adequate training in research techniques. For these hetero students the content of the specialization course does not really cumulate. For those other whose background is akin to the specialization topic (homo students) lack of research abilities hinders the production of an acceptable monograph. The short duration of a specialization course (360 hours) dispersed among ten or more different "disciplines" can hardly provide any cumulation leading to a serious research paper. Here, these problems are discussed and alternatives for the monograph are suggested.

KEY-WORDS: *Monographs, Specialist paper, Research Abilities, Hetero Student, Homo Student.*